

Entrevista: Gustavo Franco

Economista fala sobre eleição,
política econômica e combate
à corrupção.



De passagem por São Paulo para o lançamento do livro “A moeda e a lei – uma história monetária brasileira”, no qual narra a experiência monetária do país entre 1933 e 2013, o economista Gustavo Franco falou para a **Revista Estratégia**. Entre os temas: as próximas eleições, política econômica e o combate à corrupção.

Professor de Economia da PUC-RJ, ex-presidente do Banco Central e um dos mentores do Plano Real, Gustavo Franco, que hoje é sócio-fundador da Rio Bravo Investimentos, redigiu o documento “ideias para um programa econômico”, no qual faz um diagnóstico da crise atual e oferece sugestões para condução da política econômica do país.

Na entrevista à **Revista Estratégia**, ele destaca o desejo de renovação por parte da população, tanto na política quanto na economia. Mas não descarta, porém, o risco de vitória de candidatos populistas ou irresponsáveis. “São vícios presentes

em qualquer sociedade”, observa.

Na opinião do economista, o Brasil precisa trabalhar mais em mecanismos que evitem abusos e irresponsabilidades de governantes.

Quanto a economia, Franco acredita que estará em recuperação, mas

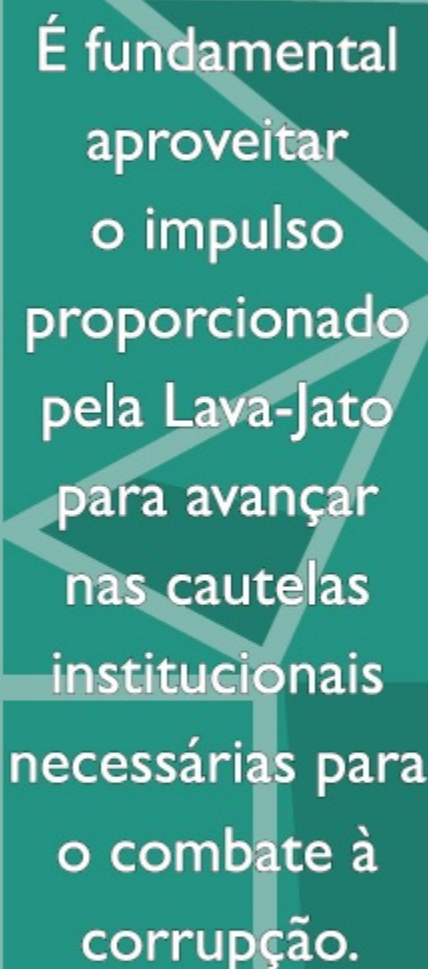
o próximo presidente da República terá oportunidade para encaminhar reformas paradigmáticas.

Revista Estratégia - A atual crise econômica e os diversos escândalos envolvendo corrupção em todos os níveis de governo têm provocado uma onda de pessimismo e desânimo na população, como o sr. coloca em seu documento “ideias para um programa econômico”. Nesse contexto, quais as expectativas em relação às próximas eleições?

Em sua visão,

qual será o perfil de candidato e propostas (tanto para a política, quanto para a economia) melhor refletirá os anseios da população?

Gustavo Franco - A população quer renovação política e isso quer dizer uma revisão no relacionamento es-



É fundamental aproveitar o impulso proporcionado pela Lava-Jato para avançar nas cautelas institucionais necessárias para o combate à corrupção.

tado-sociedade tal como mediado pelos políticos. Há um desejo pelo novo tanto na política, como na política econômica. É muito fácil ver que se quer menos estado e mais cidadania.

Em 2019, a economia estará ainda indecisa quanto ao futuro

Revista Estratégia - A população que conviveu com a hiperinflação, instabilidade da moeda e os inúmeros planos econômicos, que invariavelmente naufragavam, respirou aliviada com a implantação do Plano Real. A sensação que ficou foi de que tudo isso definitivamente fazia parte do passado. Os últimos três anos, porém, mostraram que nossa economia continua vulnerável. Que medidas seriam necessárias para evitar novos desastres na

economia do país?

Gustavo Franco - Sempre vai haver o risco de populismo, de irresponsabilidade e vigarice. São vícios presentes em qualquer sociedade. Neste caso, as instituições foram eficazes para punir: Dilma Rousseff perdeu seu mandato, e muitas pessoas ligadas a seu projeto político estão presas. Precisamos trabalhar mais em mecanismos que evitem os abusos que ela e seu grupo cometeram, patrocinaram ou acobertaram.

Revista Estratégia - A corrupção generalizada é atualmente um dos principais fatores de descontentamento e desilusão dos brasileiros. Como combater esse mal? Pode citar

exemplos de países que tiveram sucesso no combate à corrupção?

Gustavo Franco - O combate à corrupção começa com redução do tamanho e da complexidade do Estado. Continua com a mecânica decisória do gasto público e sua visibilidade, e termina, ou não, com a capacidade de punir. É fundamental aproveitar o impulso proporcionado pela Lava-Jato para avançar nas cautelas institucionais necessárias para o combate à corrupção. A economia de mercado, com sua implacável impessoalidade, deve ser vista também uma arma imprescindível no combate à corrupção.

Revista Estratégia - O senhor defende que o país precisa de uma nova ideia de progresso, focada na redução do custo do capital e aumento da produtividade. Quais as principais medidas para isso?

Gustavo Franco - A redução do custo do capital depende e decorre da agenda fiscal, ou de melhorias na sustentabilidade fiscal do Estado. O aumento de produtividade tem como agendas principais o ambiente de negócios, a abertura, e a reforma trabalhista.

Revista Estratégia - Em sua opinião, qual será a realidade econômica do país em janeiro de 2019, quando um novo presidente da República assumir o poder?

Gustavo Franco - A economia estará em recuperação, mas ainda indecisa quanto ao futuro. O novo presidente terá uma excelente oportunidade para encaminhar reformas paradigmáticas. ■